

# AS NECRÓPOLES DA IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL: ARQUITECTURA E RITUAIS

por

Virgílio Hipólito Correia \*

**Resumo:** É analisada a evolução da arquitectura funerária da I.<sup>a</sup> Idade do Ferro do Sul de Portugal, tendo como base os dados publicados e apresentando-se pela primeira vez o levantamento topográfico da necrópole de Fernão Vaz, a mais vasta conhecida. São também recenseados os dados conhecidos sobre os rituais associados às inumações, pretendendo-se apresentar uma panorâmica, o mais completa possível, dos conhecimentos disponíveis sobre o tema.

**Palavras-chave:** Idade do Ferro. Sul de Portugal. Necrópoles.

O objectivo deste trabalho é produzir uma panorâmica actualizada dos conhecimentos sobre as práticas mortuárias em uso na I.<sup>a</sup> Idade do Ferro do Sul de Portugal (séc. VIII-V a.C.), centrando-se mais nas necrópoles do que em eventuais casos de inumações isoladas. Isto, em rigor, conduz-nos a dar uma muito maior atenção ao Baixo-Alentejo do que ao Algarve; a identidade cultural basicamente semelhante das duas sub-regiões envolvidas, neste período, pode, no estado actual do conhecimento e julgando pela epigrafia, ser postulada, mas não está efectivamente suportada por um conjunto coerente de dados arqueológicos. O ritual funerário, aliás, era algo distinto, nomeadamente porque se utilizavam no Algarve, ainda na Idade do Ferro, cistas rectangulares como sepulturas (VASCONCELOS 1900, VIANA *et alii* 1953, ROCHA 1908, VEIGA 1891). Por outro lado, só em Bensafrim (ROCHA 1908, VEIGA 1891, BEIRÃO e GOMES 1980) está amplamente documentada uma verdadeira necrópole, sendo provável a existência de outras em Ameixial e no Vale dos Vermelhos - donde provêm importantes conjuntos epigráficos (BEIRÃO 1986) - conhecendo-se nos outros locais, tão só, casos de cistas isoladas.

A orla costeira alentejana está sujeita às mesmas observações: à imagem de Corte de Pére Jacques, num ponto de charneira entre o Algarve e a costa do

---

\* Museu Monográfico de Conimbriga. 3150 CONDEIXA.

Alentejo - Aljezur - também o Tesouro do Gaio (Sines) provém de uma sepultura em cista (COSTA 1967, id. 1972). Por outro lado a necrópole do Galeado parece testemunhar a ocorrência precoce do ritual de incineração deposta em urnas, num caso que provavelmente se associa a um ambiente propriamente colonial (BEIRÃO e GOMES 1984).

Centramos portanto o nosso objectivo: as necrópoles monumentais do interior do Baixo-Alentejo, particularmente bem documentadas nos concelhos de Ourique e Almodôvar e com testemunhos nos seus limítrofes.

### A NATUREZA DO REGISTO ARQUEOLÓGICO

Ainda que se possa considerar a idade do Ferro do Sul de Portugal um período privilegiado pela investigação, verificar-se-á que o panorama, no que à problemática que pretendemos abordar diz respeito, não é particularmente rico. Contamos, sobretudo, com o trabalho de um investigador: Caetano de Mello Beirão cujas primeiras publicações sobre o tema datam de 1970, por vezes em colaboração com M.M. Alves Dias e L. Coelho, que viriam posteriormente a dar outros contributos ou com M. Varela Gomes, por último com o autor. Anteriormente, tinha Abel Viana escavado uma destas necrópoles (a chamada *Mamôa do Marchicão*), sem que a identificação que fez das estruturas se possa considerar correcta. Conta-se ainda com a investigação levada a cabo e publicada por M. Maia, num caso em colaboração com J. A. Correa, na área de Castro Verde, o que representa, no total, o conhecimento pormenorizado de cinco necrópoles e respectivo processo e desenrolar da escavação, referências a materiais recolhidos na escavação de outras treze, e referências dispersas a outras dez (Cf. Apêndice e Bibliografia).

O grau de conhecimento sobre estas necrópoles pode portanto ser sistematizado da seguinte forma:

— Necrópole completamente escavada de que se publicou a documentação (com diversos graus de rigor e exaustividade)

— Necrópole decapada de que se conhece uma planta, sem que exista documentação sobre eventuais escavações.

— Necrópole de que é conhecida a existência e localização (mais ou menos precisa) por referência ou recolha de material, sem outra informação.

Estas diversas escalas de profundidade do conhecimento são, maioritariamente, função directa do método de trabalho de Caetano de Mello Beirão (BEIRÃO 1986, 45-50) que consistia na prospecção selectiva de locais indiciados pela recolha ou notícia de achado de lápides epigrafadas (o objectivo primordial da sua investigação), a subsequente decapagem das áreas das necrópoles, denun-

ciadas por uma topografia e litologia superficiais particulares, que denotavam uma maior dimensão ou um melhor estado de conservação (fruto das preocupações de gestão patrimonial, nomeadamente em função do potencial turístico, que acompanharam os seus trabalhos desde as primeiras campanhas subsidiadas pelo Fundo de Fomento do Turismo até aos seus últimos trabalhos como Director do Serviço Regional de Arqueologia do Sul), e a escavação limitada a estações globalmente em perigo ou a áreas de outras cuja situação geomorfológica acarretava potencialmente a destruição (designadamente às mãos de escavadores clandestinos).

Sob a responsabilidade ou corresponsabilidade do signatário, e em colaboração com Caetano de Mello Beirão, desenvolveu o então Serviço Regional de Arqueologia do Sul três projectos de inventariação de sítios que permitiram cobrir, desde vários ângulos, uma zona fulcral para o conhecimento da Iª Idade do Ferro do Sul de Portugal: a do Concelho de Ourique e áreas limítrofes. Foram este projectos:

— Carta Arqueológica do Concelho de Ourique; subsidiada pelo IPPC, foi levada a cabo em 1989, tendo como objectivo principal a prospecção e referenciação exacta de estações conhecidas nas freguesias de S. Salvador e de Garvão.

— PESIARM; por extenso: Projecto Experimental de criação de um Sistema de Informação Ambiental relativo à bacia hidrográfica do Rio Mira; empreendido pelo Serviço Nacional de Informação Geográfica em que o IPPC colaborou na cartografia e caracterização dos sítios arqueológicos dos Concelhos de Odemira, Ourique e Almodôvar.

— Parque Arqueológico da Cola; projecto de criação de uma estrutura de visita das estações da zona de Fernão Vaz e de Nª Srª da Cola, que permitiu executar o registo topográfico detalhado dos arqueosítios da Idade do Ferro nesta zona, designadamente da necrópole de Fernão Vaz.

A realização sucessiva destes trabalhos permitiu recuperar quase toda a informação dos vinte anos de prospecções eventuais que tinham sido levados a cabo. Parece, aliás, oportuno divulgar os resultados brutos desses trabalhos, na ocasião em que se ensaia o tratamento científico do conhecimento disponível sobre as necrópoles (C.f. fig. 5 e Apêndice).

Especificamente sobre estas o conjunto é, ainda que escasso, suficiente para ser levada a cabo uma indagação preliminar sobre o carácter e significado do ritual funerário da sociedade a que corresponde. No entanto, como poderemos observar, a evidência documentada no registo arqueológico sobre esse ritual é por demais limitada

Foram sistematicamente referenciadas nas várias necrópoles escavadas violações profundas dos vários túmulos, que revolveram as fossas sepulcrais tendo daí sido expoliados todos os elementos significativos do mobiliário fune-

rário. Efectivamente parece ser possível determinar que só em casos esporádicos, devido a condições particulares de jazida de sepulturas específicas, se localizam espólios intactos, abonando o geral estado fragmentário dos objectos recolhidos a favor da pertinência das observações estratigráficas (nem sempre, infelizmente, pormenorizadamente registadas) sobre os revolvimentos posteriores.

Por exemplo, na necrópole de Fernão Vaz há vestígios das sistemáticas violações de sepulturas também aqui se documentando o facto de estas violações terem sido produzidas num momento em que os monumentos estão ainda completamente exentos, ou seja, em datas não muito distanciadas da sua construção e utilização. De facto o monumento rectangular com degrau do núcleo Sul foi violado através da destruição da parede lateral Oeste, num sentido oblíquo, a partir da cota da rocha de base, o que permitiu aos violadores acederem à sepultura sem revolver as tampas que a cobriam. Vestígios de uma violação é também o conjunto de contas recolhido sobre um monumento do sector norte (BEIRÃO e GOMES 1980).

Também nas necrópoles do Pêgo e da Fonte Santa, o estado fragmentário dos elementos de espólio abonam em favor da existência de revolvimentos e saqueios. No caso da necrópole do Pardieiro, onde estes revolvimentos puderam ser mais pormenorizadamente analisados, a sua documentação não cabe no espaço estrito desta comunicação.

## OS RITUAIS FUNERÁRIOS DOCUMENTADOS

Das sepulturas não perturbadas pelas violações, e daquelas que, tendo-o sido, permitiram não obstante a recolha de materiais que constituem uma amostragem (passe o termo) do espólio original, cremos possível isolar alguns tipos bem caracterizados de espólio que passamos a descrever com as necessárias referências aos conjuntos documentados:

— Deposição de objectos de adorno: a deposição de conjuntos de jóias, normalmente contas de colar, em conjuntos numerosos, está documentada pelos casos de dois túmulos do Pardieiro e de um da Fonte Santa. Outras jóias, elementos de colar nomeadamente, faziam parte do mobiliário funerário de vários túmulos, mas interessa-nos aqui realçar os casos em que se verificou a sua deposição tumular numerosa e exclusiva. Num dos casos, (T. 3 do Pardieiro) a deposição simultânea de um cossoiro e de um elemento de ferro, talvez elemento de fuso, revela provavelmente um enterramento feminino, mas é toda a informação disponível, na ausência de dados antropológicos. Nos outros casos surgem associadas outras jóias (escaravelhos e botão de ouro na Fonte Santa,

amuleto de prata no T. 4 do Pardieiro) existindo, obviamente, uma apreciável dispersão na quantidade de material depositado (140 contas na Fonte Santa, 82 no T. 4 do Pardieiro, 63 no T. 3) mas a avaliação fina do diferente valor que estes “colares” representam não pode ser feita. O carácter alógeno dos materiais (onde sobressaem as contas de vidro negro oculadas a branco e as contas de âmbar) é no entanto bem marcado.

— Deposição de conjuntos de armas: deixando de lado as imediatas associações conjuntos de armas / túmulos de guerreiro, que alguns dados desmentem, é no entanto necessário verificar uma variabilidade semelhante àquela que ocorre com os conjuntos de elementos de colar tendo lugar na deposição de conjuntos de armas nestes monumentos. A tipologia das armas é por norma muito simples, pertencendo as pontas de lança (maioritárias no geral) ao tipo Alcácer do Sal. Alguns contos e pequenas facas afalcatadas (raramente com aplicações de cobre ou bronze) completam os conjuntos, por vezes depositados com peças de cerâmica (como no caso notável do nicho do T. 6 do Pardieiro). Testemunha-se já aqui o ritual da inutilização da arma antes da sua deposição, nomeadamente pela quebra da ponta da lança, cuja extremidade não é normalmente depositada.

— Deposição de mobiliários funerários complexos: os casos acima sumariados não podem no entanto esconder o facto de, testemunhados parcamente em túmulos violados, haver espólios mais complexos, como o caso do T. 1 do Pardieiro (com o resto da armação de um escaravelho, contas de ouro e pependentes de cornalina, e vestígios de objects de ferro e cerâmica). Para além disso será de ressaltar que - contra a opinião dos escavadores - as peças de ferro do T. 17 do Monta da Mealha Nova são muito provavelmente ferragens de uma roda de carro e que o pequeno elemento cónico de ouro do T. 4 do Pêgo<sup>1</sup> deve ser descrito como um fragmento de uma arrecada do tipo das do Gaio ou de Aliseda, correspondendo a uma das flores de lótus da orla; exemplos, por si só anedóticos, que no entanto nos testemunham uma pluralidade de dados que o avançar da investigação virá, esperamos, a completar e integrar num quadro coerente.

Uma outra questão que ultrapassa esta estrita divisão (e que em certa medida a cruza) é o a determinação do tratamento dado ao cadáver antes da sua deposição no túmulo. Esta questão é, sem dúvida, motivo de perplexidade dada a disparidade de referências que, a espaços, se encontram na bibliografia.

Parece-nos que não estamos perante um caso em que possamos, linearmente, falar de uma cultura de inumação ou de uma cultura de incineração como fenómenos mutuamente exclusivos (como acontecerá talvez noutras áreas

---

<sup>1</sup> Que pudemos analisar detalhadamente no MNAE.

e períodos) sendo de afirmar - tomando literalmente as diversas afirmações produzidas pelos vários escavadores (o que condições de terreno reconhecida-mente ingratas nos desculpariam talvez de não fazer) - que coexistiram uma e outra forma de tratamento do cadáver, com qualquer um dos tipos de deposição ritual de mobiliário, em datas muito diversas.

## A EVOLUÇÃO DA ARQUITECTURA FUNERÁRIA NO BAIXO-ALENTEJO

As características específicas destas necrópoles, com o uso sistemático de monumentos construídos como *tumuli* ou *cairns* sobre as sepulturas oferece no entanto um outro vector de análise: a verificação da estratigrafia estrutural marcada na forma de construção adossada que os monumentos adoptam. Para além disso, a existência de tipologias bem caracterizáveis de monumentos permite traçar o esquema cruzado de ocorrências desses tipos em posição estratigráfica precisa dentro de conjuntos delimitados que, ainda que nem sempre os incluam todos, dão origem a um esquema de periodização dos estilos de monumentos, que aqui pretendemos estabelecer.

Socorremo-nos para isso, não só de documentação publicada, mas também de documentação inédita, que tentamos ilustrar (ainda que os 1150 metros quadrados da necrópole de Fernão Vaz, por exemplo, sejam de difícil edição), crendo ser possível traçar o quadro da referida evolução, com um rigor aceitável, entre os séc.s VIII e V a.C.

As estruturas tumulares de Fernão Vaz, que é a necrópole conhecida de maior dimensão, e que constitui por isso a base do esquema de faseamento e periodização de todo o conjunto de necrópoles, mostram uma evolução arquitectónica importante<sup>2</sup>.

A necrópole é constituída por 36 monumentos funerários (referimo-nos apenas aqueles de que conseguimos identificar claramente a planta), de diversos tipos. Estão organizados em dois núcleos principais dispostos paralelamente a uma faixa central que tem sido intepretada como parte do caminho que dava acesso ao povoado. Esta interpretação, que se impõe pelo aspecto da topografia da área, se não é corroborada por dados arqueológicos evidentes, também não é por eles contraditada.

Estes núcleos têm aspectos diferentes:

— O núcleo Sul tem no seu centro dois monumentos circulares adossados,

---

<sup>2</sup> A necrópole de Fernão Vaz ainda que apenas brevemente referida (BEIRÃO 1986, 105), constituía a base de muito do pensamento de Caetano de Mello Beirão.

à volta dos quais se construíram outros monumentos, quadrangulares, um dos quais, aparentemente o último a ser construído, provido de um pequeno degrau circundante. No sentido Este estende-se uma área muito perturbada, onde se identificam pequenos monumentos rectangulares e, no extremo Este, três pequenos monumentos quadrados, estreitamente adossados.

— O núcleo Norte é composto por dois sectores, um dos quais se destaca pela altura dos monumentos (Oeste). Neste sector os monumentos são rectangulares, sendo um (de novo o último a ser construído) provido de degrau circundante. Este conjunto parece ser posterior, estando adossado, ao monumento circular com degrau, mas esta observação necessita de ser confirmada por sondagens. Para Leste existe um monumento em degraus rodeado por um murete, que sobrepõe o degrau do monumento circular, e é por sua vez sobreposto por um conjunto de três monumentos quadrados, rodeados por um único degrau.

Do único monumento escavado podem fazer-se algumas observações sobre a forma de construção:

— Era aberta uma fossa no xisto de base - cuja forma é, neste caso específico, alongada mas que outras necrópoles documentam poder variar bastante - que era coberta por lages de grande dimensão. Sobre estas lages era então construído o monumento, cuja forma responde mais à intenção monumentalizante dos construtores do que às necessidades funcionais de selagem da sepultura. Estas observações coincidem com outras feitas sobre outros monumentos noutras necrópoles e podem, de alguma forma, representar um paradigma do método de construção geralmente utilizado.

Na necrópole da Chada (BEIRÃO 1986, 84-86; SILVA e GOMES 1992, 149-150), a sucessão de sepulturas corrobora e em alguns pontos complementa a detectada em Fernão Vaz, com um monumento funerário circular original (T. 1 do sector B), a que se adossa um monumento rectangular (T. 3). Existem ainda outras importantes relações estratigráficas: o monumento 2 do sector B é constituído por uma corôa de lages sub-verticais, incluídas num *tumulus* quadrangular, semelhante aos monumentos III e IV da necrópole do Pêgo (DIAS *et alii* 1970), e a sua relação de imediata posterioridade relativamente ao monumento circular é corroborada na necrópole dos Mourços (SILVA e GOMES 1992, 149). Conhece-se um outro no Monte de S. Luís, nos arredores de Ourique.

A necrópole do Pardieiro (BEIRÃO 1990 a, id. 1990 b) demonstrou uma evolução paralela à detectada em Fernão Vaz. O monumento 5 é sem dúvida o mais antigo da necrópole, tratando-se de um grande *tumulus* rectangular, rodeado por um murete reduzido a uma simples fiada de pedras, com dimensões de 4,60 x 3,60m. Rodeado de outros monumentos por todos os lados, estes

sobrepueram o degrau que o rodeia em toda a sua extensão. Ao lado Sul do monumento 5 foi adossado o monumento 1 (monumento de contorno sub-quadrangular, construído com dois muretes concêntricos cujas dimensões gerais atingem os 3,77 x 3,18 m). O murete externo deste está encostado ao anterior, provavelmente sobrepondo o degrau. Outros monumentos de planta rectangular, de menor dimensão, sobrepoem um ou outro destes túmulos, com espólios de tipo orientalizante (particularmente notáveis os conjuntos de contas de vidro), de cronologia dificilmente precisável. A Leste do monumento 1 foi construído o monumento 3 (monumento de contorno rectangular, constituído por um *tumulus* rodeado em três dos seus lados por um murete baixo, o lado restante correspondendo ao adossamento deste monumento ao monumento 1). Ao lado Leste do monumento 5 e a norte do monumento 3 foi construído o grande *tumulus* do monumento 6 (grande monumento rectangular, constituído simplesmente por um *tumulus* de pedras de 3,15m x 3,80m, no centro do qual são visíveis dois espaços diferenciados, um correspondente ao espaço sepulcral, desprovido de fossa, e outro, contíguo a Nordeste, correspondente ao nicho onde foi depositado o espólio, com 50 x 60cm, e profundo apenas cerca de 20 cm). Ao monumento 6 foi adossado, a Norte, o monumento 8 (grande monumento rectangular de 2,51 x 3,63m) e a este, sucessivamente, o monumento 9 (pequeno *tumulus* rectangular constituído por um murete, de que se conservam três lados).

Para Norte do monumento 5, foi construído posteriormente o monumento 10 (pequeno monumento constituído por um *tumulus* de pedras com 1,95 x 1,65 m, rodeado por um murete que o circunda) e junto a ele detectou-se um outro (monumento 11) indeterminável. Do lado Oeste do monumento 5, encostado ao monumento 4, muito destruído, deverá ter sido construído o monumento 2. Também posteriormente ao monumento 4 teria sido construído o *tumulus* do monumento 7 (monumento de forma indeterminada).

Idêntico ao túmulo 1 do Pardieiro é o túmulo 1 da Fonte Santa (BEIRÃO 1986, 71), onde se recolheu escasso material. Mais antigo que este é o túmulo 4, cobrindo duas fossas sepulcrais, está bem datado pelo aparecimento de um conjunto de objectos vários de cariz orientalizante, de grande riqueza, incluindo um escaravelho do séc. VII (BEIRÃO 1986, 71), bem como os túmulos IV do Pêgo e III do Mealha Nova (DIAS *et alii* 1970), ambos com espólio parco em datações precisas, mas de grande interesse.

Assim, a um momento original caracterizado pelos monumentos circulares (BEIRÃO 1986; SILVA e GOMES 1992, 151), sucede-se um segundo, com túmulos quadrangulares (BEIRÃO e GOMES 1986, SILVA e GOMES 1992, 142) com câmara funerária central (formada por grandes lages, ou não) e raros monumentos constituídos por simples *tumuli* rectangulares. De um momento de

transição será bom exemplo o grande monumento do Pêgo da Sobreira, circular, mas com câmara funerária quadrangular destacada no seu centro.

O desenvolvimento de uma fase em que se verifica a construção de uma grande variedade de monumentos quadrangulares, bem representados pelas necrópoles da Fonte Santa, da Vaga da Cascalheira (BEIRÃO 1986, 105) e do Pardieiro, é algo complexo.

São esses os monumentos que compõem a maioria das necrópoles, sendo melhor conhecidas as do Pêgo, da Favela Nova e da Fonte Santa, mas o mesmo ocorrendo com outras, como Biscoitinhos ou Vaga da Cascalheira.

A existência de degraus, muitas vezes reduzidos apenas a um pequeno soco, de uma única fiada de pedras, é frequente neste período.

Diferentemente se deve considerar o problema dos monumentos rodeados por um *temenos* (SILVA e GOMES 1992, 151), de que conhecemos o caso do sector A da Chada (T. 2, grande monumento escalonado em três degraus), da Fonte Santa (em que o muro do *temenos* parece rodear três pequenos monumentos quadrangulares) do Pardieiro (T. 10, incerto) e de Fernão Vaz (semelhante ao da Chada, mas mais pequeno).

Parece-nos que este fenómeno se liga mais estritamente a questões rituais, talvez ligadas à posição social do inumado do que a considerações de ordem cronológica, mas não temos dados suficientes para analisar a questão.

Semelhante ao monumento 2 do sector B da Chada seria talvez o muito destruído monumento I da Necrópole da Mealha Nova (DIAS *et alii* 1970), onde se recolheu um escaravelho com cartela de Pedubaste - 817/763 - de provável produção de Náucratis.

O monumento em degraus do Pardieiro, incluía material datável de fins do séc. VII ou inícios do séc. VI, constituindo um *terminus post quem* para o grande monumento rectangular com degrau circundante.

O espectro cronológico abrangido pela fase de vulgarização dos monumentos quadrangulares progressivamente mais pequenos é, na necrópole da Chada, indicado por alguns elementos:

— A fíbula anular de bronze, do túmulo 2 do sector A, a datar do séc. VI, provavelmente dos seus inícios, sendo de corrigir a datação apresentada na ocasião por Caetano de Mello Beirão, por demasiado baixa (BEIRÃO 1986, 86; C.f. RUIZ 1989, 197-198).

— Do túmulo 2 do sector B, temos um conjunto de materiais entre os quais ressaltam as contas de vidro, com paralelos exactos no Pardieiro, e a taça de verniz vermelho, a datar de fins do séc. VII, inícios do VI (BEIRÃO 1986, 96-98).

Os túmulos do Pardieiro estabelecem a duração desta fase ao longo de todo o séc. VI a.C. A evolução da arquitectura funerária, no sentido da redução

do volume dos *tumuli*, parece clara.

O momento final de evolução da arquitectura funerária é representado por pequenos monumentos sub-quadrangulares, que aparecem normalmente isolados (casos da Atafona, Carapetal e Mestras, C.f. BEIRÃO e CORREIA, n.p.c.; SILVA e GOMES 1992) mas que em dois casos se localizam na periferia de necrópoles mais antigas, nomeadamente os monumentos 9 do Pardieiro e V do Pêgo. A datação destes monumentos deve centrar-se em datas posteriores aos meados do séc. V.

De acordo com estes dados estabelecemos da seguinte forma a periodização da evolução da arquitectura funerária:

— Fase I - Monumentos circulares: pleno séc. VIII<sup>3</sup>.

— Fase II - Monumentos rectangulares de câmara sepulcral destacada: fins do séc VIII a meados do VII.

— Fase III - *Tumuli* rectangulares cobrindo fossas sepulcrais: alguns antigos, mas dominantes da segunda metade do séc VII ao fim do séc VI; alguns de pequena dimensão podem sem dúvida ser posteriores<sup>4</sup>.

— Fase IV - Monumentos em  $\pi$ , coexistindo com incinerações em urna (SILVA e GOMES 1992, 151-152 e 176-177.): desde o início do séc. V estas últimas, os monumentos parecem centrar-se em meados desse século (BEIRÃO e CORREIA n.p. c).

## AS NECRÓPOLES COMO VECTORES DE ANÁLISE DA SOCIEDADE

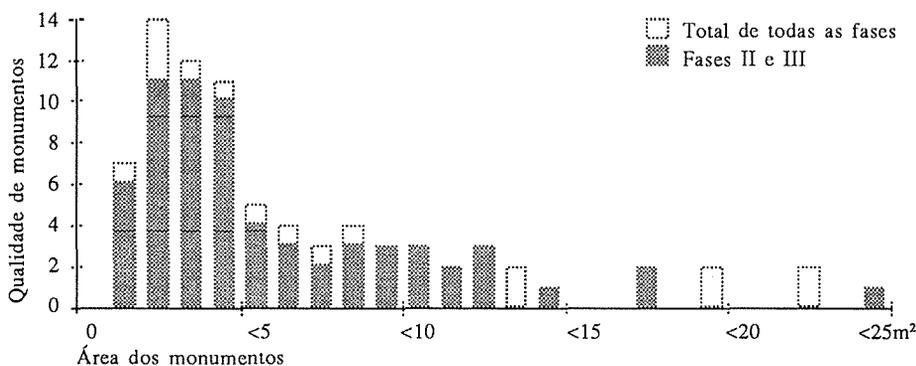
As sistemáticas violações posteriores das necrópoles impedem uma análise sistemática da distribuição de objectos nos túmulos, invalidando assim a possibilidade de, a partir dela, estimar a diferenciada capacidade de apropriação de bens dos indivíduos (WELLS 1988, 66-69 e 124-128; CHAMPION *et alii* 1988, 341.). Esta reflecte, sem dúvida, diferentes posições numa estrutura social hierarquizada, que explora o território nas suas variadas possibilidades, mas já não é seguro que, na ausência daquele conjunto de dados, e apenas com

<sup>3</sup> C.f. BEIRÃO 1986, 49-50. O início da série é-nos indicado pela necessidade de considerar esta arquitectura como absolutamente posterior à sua origem óbvia, as necrópoles Tipo Atalaia, de que a epónimo está datada pelo C14, numa fase avançada do seu desenvolvimento, de 1105-800 a.C.. (SCHUBART 1975, 171-172; SOARES e CABRAL 1984).

<sup>4</sup> SILVA e GOMES 1992, 151. Serão de grande importância, quando correctamente publicadas pelos escavadores (M.M. Alves Dias e L. Coelho) as datas de C14 das necrópoles do Pêgo e da Favela Nova (apresentadas no V Colóquio de Línguas e Culturas Prerromanas da Península Ibérica - Colónia, 1991) que, incorrectamente publicadas em GAMITO 1991, 300, se estendem do terceiro quartel do séc. VI aos inícios do séc. IV.

o que resta - a dimensão dos monumentos - se passe o mesmo. Ainda assim, pode-se colocar a hipótese de, na realidade, a dimensão de um monumento funerário estar na razão directa da riqueza do indivíduo aí sepultado e, nessa medida, reflectir a sua posição mais ou menos importante dentro da hierarquia social que estrutura o seu grupo. É necessário, no entanto, fazer duas ressalvas importantes. A primeira tem a ver com a tendência da arquitectura funerária, no geral, de reduzir as dimensões dos monumentos, como se disse; a segunda prende-se com os condicionalismos técnicos elementares que impedem, quer a redução, quer a ampliação, até ao infinito, da área construída. Uma terceira ressalva prende-se com a admissibilidade de se estar perante um reflexo, não de uma determinada realidade socio-económica, mas de uma representação, ideologicamente condicionada, de uma situação politico-social que seria impossível determinar. Neste caso, de todas as formas um facto não comprovável, estaremos ainda perante um testemunho de um padrão mental que, em essência, não é afectado pela sua existência ou inexistência concretas, e nesse sentido revelador do fenómeno que nos importa: uma determinada hierarquização social, seja ela económica ou de outra base. Deixamos, aliás, de lado a questão, por agora irrelevante, se todos os elementos das comunidades eram ou não sepultados sob monumentos; a irrelevância prende-se com o facto de nos parecer óbvio que, se nem todos o fossem, devem as necrópoles ser atribuídas a um mesmo escalão da hierarquia social - o superior - sendo tal facto redundante ao estabelecer o binómio monumentalização tumular/estrutura social.

Sob esta perspectiva, verifiquemos o registo arqueológico:



O gráfico estabeleceria, segundo a hipótese que se colocou acima, a demonstração de uma clara hierarquização social, materializada numa gama muito distinta de áreas construídas (isto é, de esforço empregue na construção dos

monumentos), e portanto permitir-nos-ia afirmar que era notável a distinção hierárquica entre os indivíduos tumulados.

Esta verificação é independente da evolução da arquitectura no sentido da redução da área dos monumentos pois, ainda que se eliminem da série quer os monumentos mais antigos, quer os mais recentes (respectivamente os circulares e os em  $\pi$ ) a curva continua basicamente a mesma<sup>5</sup>.

Podem-se colocar duas hipóteses de interpretação deste fenómeno, uma de base estritamente económica, outra de base socio-política:

— A dimensão de um monumento, e logo o esforço empregue na sua construção, são função directa da capacidade de concentração económica que um determinado grupo familiar (independentemente da sua dimensão) detem num determinado momento, veiculando parte proporcional desses recursos para a construção e, eventualmente, para o espólio depositado.

— A construção do monumento é, para além das condicionantes económicas, função de um subsistema que as envolve ao mesmo tempo que envolve a posição específica do indivíduo inumado no grupo social em que se integra, num momento dado, e a sua relação com outros grupos e a própria evolução histórica desse grupo - entre outros dados possíveis - correspondendo em suma a uma consideração - mítica ou miticizável - que um grupo específico faz do indivíduo.

A reprodução deste fenómeno - independentemente da interpretação - num largo número de comunidades de pequena dimensão é, segundo a nossa perspectiva, demonstrativa da existência de uma complexa rede de grupos semi-autónomos, que se implantam regularmente no território, constituindo um conjunto do que chamaríamos de micro-chefados, integrados, como tentaremos demonstrar, numa estrutura mais complexa de povoamento, que, no estado actual da investigação, podemos vislumbrar, mas não podemos descrever.

## **A ARQUITECTURA FUNERÁRIA NO QUADRO DA 1ª IDADE DO FERRO NO SUDOESTE PENINSULAR**

A primeira ilacção a retirar da periodização proposta é sem dúvida a de uma absoluta anterioridade da arquitectura funerária monumental no Sudoeste

<sup>5</sup> O gráfico foi estabelecido a partir das plantas de oitenta e dois monumentos, designadamente das necrópoles de Mestras (segundo BEIRÃO 1986, 48), Fonte Santa (segundo BEIRÃO 1986, 70), Chada (segundo BEIRÃO 1986, 83 e 85), Mealha Nova (segundo DIAS et alii 1970, 199 e 201), Pêgo (segundo DIAS et alii 1970, 207-210), Mouricoes (segundo BEIRÃO e GOMES 1980, 27), Carapetal (segundo SILVA e GOMES 1992, 269), Pardieiro (segundo BEIRÃO 1990, 110), Atafona (segundo SILVA e GOMES 1992, 269, e documentação inédita para os restantes monumentos), Pêgo da Sobreira, Casarão e Fernão Vaz (segundo documentação aqui publicada).

relativamente a outras manifestações similares na Península, excepção feita aos *tumuli* propriamente tartéssicos (Setefilla, Acebuchal, etc.) que, no entanto, respondem a uma técnica de construção absolutamente distinta. O estabelecimento deste dado reveste-se de alguma importância, pois permite afirmar que este fenómeno decorre em paralelo com a adopção precoce de outras manifestações culturais ligadas ao ritual funerário, particularmente a escrita. Duas “precocidades” tão nítidas não podem ser tomadas como resultado aleatório da evolução cultural de uma sociedade exposta à multiplicidade de influências do período orientalizante, senão que devem ser entendidas como manifestação de um complexo fenómeno socio-económico, que na origem deve ter uma importante componente política.

A homogeneidade do processo, com efeito, não nos parece poder ser explicada sem se admitir que os diversos núcleos populacionais de pequena dimensão que, a partir do séc. VIII, passam a erigir estas necrópoles segundo “modelos” e seguindo uma linha evolutiva comuns, mantinham umnexo estreito entre si, materializado numa centralização de mecanismos económicos e políticos. Os pontos, os sítios, onde esta centralização se opera são, por agora, desconhecidos e a análise da natureza desta centralização está-nos vedada, mas a dispersão tão fina das manifestações de alto estatuto social (assim consideramos não só a escrita mas a própria arquitectura monumental) abona em favor da existência de uma rede de dependências entre indivíduos de estatuto idêntico, eventualmente correlacionadas em favor de estruturas mais complexas, que tanto podem ser grupos familiares propriamente urbanos, como outras estruturas, que a própria existência da escrita indicia que controlam mecanismos administrativos e/ou sacerdotais de alguma complexidade; complexidade essa historiograficamente entendível apenas como fruto da intensificação das relações de dom e troca que a colonização fenícia acarreta.

A coesão geográfica do fenómeno, por outro lado, não pode senão indicá-nos os limites dentro dos quais ele se desenvolve. Aqui, no entanto, coloca-se-nos uma perplexidade, pois este padrão de criação do espaço mortuário surge estritamente ligado ao uso da epigrafia funerária que, por seu lado, conhece uma divulgação algo mais lata que a construção de monumentos funerários adossados. Estas diferentes áreas de dispersão de um e outro fenómeno são, senão de correlacionar directamente, pelo menos de comparar com um quadro populacional complexo, dividido entre entidades cuja caracterização é desconhecida - normalmente referidas como etnias - que são conhecidas através da *Ora Marítima*.

A interpretação que propomos é a de existir, durante a Idade do Ferro no Sudoeste Peninsular, e á volta de uma entidade geográfica e populacional, denominada a partir, e por extensão, dessa cidade mítica - ou miticizada - chamada Tartessos, um número indeterminado de grupos populacionais dotados

de uma forma de organização política que agrupa e centraliza os múltiplos chefados que constituiriam a base de organização das sociedades da Idade do Bronze. Tais entidades, interagindo entre elas por diversas formas, tenderiam a adoptar, em graus diversos e por vezes contrastantes, algumas manifestações culturais de cariz orientalizante, sempre guiadas por uma complexa equação que relacionaria os dados culturais próprios, aqueles alógenos com que, numa conjuntura precisa, eram postos em contacto e, por emulação ou por sublimação, aqueles que os grupos contíguos mais rapidamente adoptavam. No caso do Baixo Alentejo, acessoriamente do Algarve e de partes da Extremadura, é a escrita que desempenha o papel fulcral nessa utilização de distintos traços culturais de origem oriental, que é impossível não admitir tratem-se dos motivos pelos quais as fontes clássicas distinguem uma entidade demo-geográfica de outra. A um outro nível é a distinta tradição da arquitectura funerária que nos diz que sob essa superstrutura se desenvolvem outros fenómenos, para cuja análise o registo arqueológico necessita ainda de um notável enriquecimento.

Em suma, consideramos que o ritual funerário utilizado na Idade do Ferro no Sudoeste, na sua grande variabilidade, corresponde à variabilidade proporcional das entidades demográficas, geográficas e políticas que ocupam essa parcela de território, parecendo-nos, além disso, que essa correlação não pode senão ser encarada como algo de intencional. A monumentalização dos túmulos e a sua marcação com epígrafes corresponde à marcação no espaço e no tempo de um determinado binómio indivíduo - grupo — *A trama espacio-temporal não representa mais do que um dos elementos do tecido social, não estando aí implicadas as relações de identificação individual [e] exterioriza-se a nível de um sistema de referências, não específicas mas sim étnicas, exprimindo-se através do adorno, das atitudes da linguagem, do cenário social* (LEROI-GOURHAN 1965) — marcação essa feita por, e a favor, deste último; a repetição destes gestos servindo para isolar um grupo mais vasto de outros que não o repetem.

## APÊNDICE

### Sítios arqueológicos da Idade do Ferro<sup>6</sup>

- 1 - Panóias (Ourique). Necrópole parcialmente escavada (sem documentação). VAS-CONCELOS 1929, BEIRÃO 1986.
- 2 - Ilha Grande (Ourique; 186,1/83,9). Povoado parcialmente escavado.
- 3 - Chada (Ourique; 186,0/82,7). Necrópole completamente escavada. BEIRÃO 1986,

<sup>6</sup> A seguir à localização administrativa do sítio (concelho) indicam-se as suas respectivas coordenadas Gauss. A ausência de tal indicação significa que o sítio não foi exactamente localizado, ou que a sua localização não representa a identificação de um sítio arqueológico, *strictu sensu*.

BEIRÃO & GOMES 1988.

- 4 - Garvão (Ourique). Santuário de que é conhecida uma *favissa*. BEIRÃO *et alii* 1985.
- 5 - Arzil (Ourique; 179,9/82,2). Necrópole detectada pelo achado de uma lápide epigrafada. BEIRÃO 1986.
- 6 - Arzil (Ourique; 179,8/82,2). Povoado sobre vestígios de exploração mineira, detectado por prospecção.
- 7 - Fonte Santa (Ourique; 186,5/80,5). Necrópole completamente escavada. BEIRÃO 1986, BEIRÃO & GOMES 1988.
- 8 - Fonte Santa (Ourique; 186,4/80,5). Necrópole de urnas, parcialmente escavada. BEIRÃO 1986.
- 9 - Fonte Santa (Ourique; 186,3/80,6). Povoado detectado por prospecção. BEIRÃO 1986.
- 10 - Nobres (Ourique; 182,4/79,7). Achado de lápide epigrafada. BEIRÃO 1986.
- 11 - Bastos (Ourique). Achado de lápide epigrafada. BEIRÃO 1986.
- 12 - Junqueira (Monte Coito ? Ourique; 189,3/77,0). Necrópole detectada por prospecção e parcialmente escavada. BEIRÃO 1973.
- 13 - Junqueira (Ourique; 189,4/76,8). Povoado detectado por prospecção.
- 14 - Monte Coito (Ourique; 189,7/76,2). Povoado detectado por prospecção, com recolhidas de material. BEIRÃO, 1972.
- 15 - Ourique. Achado de lápides epigrafadas.
- 16 - Penedo (Ourique; 84,8/75,2). Necrópole detectada pelo achado de uma lápide epigrafada. BEIRÃO 1986.
- 17 - Penedo (Ourique; 184,8/75,5). Povoado detectado por prospecção.
- 18 - São Luís, Monte de (Ourique; 192,4/72,8). Monumento funerário detectado por prospecção.
- 19 - Cruzes (Ourique; 188,0/71,8). Povoado detectado por prospecção, inédito.
- 20 - Cruzes (Ourique; 188,2/71,4). Necrópole detectada por prospecção.
- 21 - Carapetal III (Ourique; 188,3/71,2). Povoado detectado por prospecção. BEIRÃO 1986.
- 22 - Carapetal II (Ourique; 180,0/70,9). Monumento funerário, escavado. BEIRÃO 1986, BEIRÃO & CORREIA, 1991 a).
- 23 - Carapetal I (Ourique; 188,6/70,8). Necrópole detectada por prospecção. BEIRÃO 1986.
- 24 - Cerro do Ouro (Ourique; 188,5/70,43). Povoado detectado por prospecção.
- 25 - Cerro do Ouro (Ourique; 188,1/70,5). Necrópole detectada por prospecção. BEIRÃO & GOMES 1988.
- 26 - Monte Poço (Ourique; 188,4/70,1). Necrópole detectada por prospecção.
- 27 - Monte Poço (Ourique; 188,6/70,3). Povoado detectado por prospecção. BEIRÃO 1986.
- 28 - Mealha Nova (Ourique; 189,5/70,2). Povoado detectado por prospecção.
- 29 - Mealha Nova (Ourique; 189,7/70,0). Necrópole parcialmente escavada. DIAS, BEIRÃO & COELHO, 1970; BEIRÃO 1986.
- 30 - Biscoitinhos (Ourique; 187,7/69,5). Povoado detectado por prospecção.
- 31 - Biscoitinhos (Ourique; 188,0/69,3). Necrópole detectada por prospecção, com recolhida de fragmentos de epígrafes. BEIRÃO 1986.
- 32 - Pardieiro (Odemira; 180,4/70,5). Necrópole completamente escavada. BEIRÃO 1990, BEIRÃO 1991.

- 33 - Favela Nova (Ourique; 192,7/70,4). Necrópole parcialmente escavada. DIAS & COELHO 1983.
- 34 - Marchicão (Ourique; 191/65). Necrópole escavada numa vasta extensão, com documentação deficiente. VIANA 1962.
- 35 - Nora Velha (Ourique; 186,2/68,3). Necrópole em curso de escavação por J. Morais Arnaud.
- 36 - Castro da Cola (Ourique; 185,1/67,9). Povoado fortificado medieval, com vestígios de ocupação da Idade do Ferro. VIANA 1960, VIANA 1961, TORRES 1992, CORREIA 1990, BEIRÃO E CORREIA n.p. a).
- 37 - Azinhal (Ourique; 185,8/67,3). Necrópole detectada através do achado de uma lápide epigrafada. BEIRÃO, 1986.
- 38 - Casarão (Ourique; 188,3/67,6). Monumento funerário detectado por prospecção.
- 39 - Arreganhado (Ourique; 189,2/67,3). Povoado detectado por prospecção.
- 40 - Ovilheiro, Moinho do (Ourique; 187,7/66,7). Povoado detectado por prospecção. BEIRÃO & CORREIA 1990.
- 41 - Vaga da Cascalheira (Ourique; 187,2/66,5). Necrópole detectada por prospecção. BEIRÃO & CORREIA n.p. a).
- 42 - Fernão Vaz (Ourique; 187,5/66,2). Necrópole detectada por prospecção. BEIRÃO 1986; BEIRÃO & GOMES 1985.
- 43 - Vaga da Cascalheira (Ourique; 187,4/66,4). Povoado detectado por prospecção. BEIRÃO & CORREIA n.p. a).
- 44 - Cortadouro (Ourique; 187,2/66,1). Povoado sobre vestígios de exploração mineira. TAVARES DA SILVA & SOARES 1977, BEIRÃO & CORREIA n.p. a).
- 45 - Fernão Vaz (Ourique; 187,4/66,0). Povoado escavado. BEIRÃO 1972, BEIRÃO 1986, BEIRÃO & CORREIA n.p.a, BEIRÃO & CORREIA n.p.a. b).
- 46 - Porto das Lages (Ourique; 188,5/55,1). Povoado escavado. CORREIA 1989.
- 47 - Pêgo da Sobreira (Ourique; 189,6/66,2). Monumento funerário escavado. BEIRÃO & CORREIA n.p. a).
- 48 - Pêgo da Sobreira (Ourique; 189,5/66,2). Povoado detectado por prospecção. BEIRÃO & CORREIA n.p. a).
- 49 - Abóbada (Almodôvar; 190,6/64,3). Necrópole detectada pelo achado de 3 uma lápide epigrafada. DIAS & COELHO 1971, BEIRÃO 1986, BEIRÃO, GOMES & MONTEIRO 1980.
- 50 - Hortinha (Almodôvar; 190,6/64,3). Necrópole detectada por prospecção.
- 51 - Guerreiros (Almodôvar; 184,5/64,0). Necrópole detectada por prospecção. BEIRÃO 1986; BEIRÃO, GOMES & MONTEIRO 1980.
- 52 - Atafona (Almodôvar; 200,2/63,8). Povoado detectado por prospecção.
- 53 - Atafona, Monte da (Almodôvar; 199,7/63,9). Necrópole escavada. BEIRÃO & CORREIA, n.p.c. a).
- 54 - Pêgo, Herdade do (Ourique; 189,2/62,8). Povoado detectado por prospecção superficial.
- 55 - Pêgo, Herdade do (Ourique; 189,3/62,8). Necrópole parcialmente escavada. DIAS, BEIRÃO & COELHO 1970

## BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, José Morais, RAMOS, Carlos Alberto e MARTINS, Artur, "Prospecção arqueológica na Herdade do Gavião" (Aljustrel), in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, A.A.P., 1991.
- AUBET, Maria Eugénia, *La necropolis de Setefilla en Lora del Rio, Sevilla*, Barcelona, 1975.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, *Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do país*, in *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, 1972; 193-221.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, *Une civilization protohistorique du Sud du Portugal*, Paris, De Boccard ed., 1986
- BEIRÃO, Caetano de Mello, «Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos», in *Presenças orientalizantes em Portugal da pré-história ao período romano*, Lisboa, Instituto Oriental, 1990, [Estudos Orientais I], 107-118.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, «Nota sobre duas pedras de Cenáculo», in *Arquivo de Beja*, S. II 3, Beja, Câmara Municipal, 1986, 101-112.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, «Novos dados arqueológicos sobre a epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica», in *Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, Universidad, 1990, 684-696.
- BEIRÃO, Caetano de Mello, «Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos», in *Presenças orientalizantes em Portugal - Da Pré-história ao Período Romano*, Lisboa, Instituto Oriental, 1990. [Estudos Orientais I].. 107-118.
- BEIRÃO, Caetano de Mello e CORREIA, Virgílio Hipólito, «Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz» in *Homenage a J. M<sup>º</sup> Blazquez*, Madrid, Universidad Complutense (no prelo, a)
- BEIRÃO, Caetano de Mello e CORREIA, Virgílio Hipólito, «A cronologia do povoado de Fernão Vaz», in *Conimbriga*, Coimbra, Instituto de Arqueologia (no prelo, b)
- BEIRÃO, Caetano de Mello e CORREIA, Virgílio Hipólito, «A II<sup>a</sup> Idade do Ferro no Sul de Portugal. Estado actual dos conhecimentos», in *Actas del XXI Congreso Arqueológico Nacional*, Teruel, (no prelo, c).
- BEIRÃO, Caetano de Mello e GOMES, Mário Varela, *A I Idade do ferro no Sul de Portugal - Epigrafia e Cultura* (Catálogo de exposição), Lisboa, 1980.
- BEIRÃO, Caetano de Mello e GOMES, Mário Varela, «A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)», in *Arqueólogo Português*, Série IV, 1, Lisboa, 1983; 207-266.
- BEIRÃO, Caetano de Mello e GOMES, Mário Varela, «Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal», in *Actas del III Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispanicas*, Salamanca 1985, 465-502.
- BEIRÃO, Caetano de Mello e GOMES, Mário Varela, «A estela epigrafada do Pardieiro, S. Martinho das Amoreiras (Odemira, Beja)», in *Veleia* 5, Vitoria, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, 1988, 115-123.
- BEIRÃO, Caetano de Mello e GOMES, Mário Varela, «Três novas estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal», in *Arquivo de Beja* (no prelo).
- BEIRÃO, Caetano de Mello e GOMES, Mário Varela, «Coroplastia da I<sup>a</sup> Idade do Ferro

- do Sul de Portugal» in *Hommage à Georges Zbyszewsky*, Paris, C.N.R.S., 1984, 450-482.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela e MONTEIRO, J. Pinho, *As estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal* (Catálogo de exposição), Setúbal, 1979.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; TAVARES DA SILVA, Carlos; GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela, «Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão Notícia da primeira campanha de escavações» in *O Arqueólogo Português*, S. IV 3, Lisboa 1985, 45-135.
- BELLIDO, Antonio García y, *España y los españoles hace dos mil años, según la "Geografía de Strabón*, Madrid, Espasa-Calpe, 1968 (4ª), [Coleccion Austral 515].
- BERROCAL Rangel, Luís, *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*, Madrid, Ed. Complutense, 1992.
- BERTHELOT, A., *Festus Avienus: Ora Marítima*, Paris, Librairie Ancienne, 1934.
- COELHO, Luís, «Inscrições da necrópole proto-histórica da Herdade do Pêgo, Ourique», in *O Arqueólogo Português* S. III 5, Lisboa, M.N.A.E., 1971, 167-180.
- COELHO, Luís, «Epigrafia prelatina del SO. peninsular portugues», in *Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, Universidad, 1976, 201-211.
- COELHO, Luís, «Quelques notes a propos d'une nouvelle inscription aux caracteres 'ibériques' du SW peninsulaire portugais, provenant des environs d'Aljustrel (Portugal)», in *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1979, 371-379.
- COELHO, Luís e DIAS, M. M. Alves, «South-West Iberian early iron age: a theoretical hypothesis», in *Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas Paleohispanicas (Veleia 2-3, 1985-1986)*, Vitoria, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, 1987, 447-448.
- CORREA, J.A., «Escritura y lengua prerromanas en el Sur de la Península Ibérica», in *Unidad y Pluralidad I*, Madrid, 1983 [Actas del VI Congreso Español de Estudios Clássicos], 397-441.
- CORREA, J.A., *La inscripcion en escritura tartésica de Alcalá del Rio*, Alcalá del Rio, 1985.
- CORREA, José A., «Consideraciones sobre las inscripciones tartesias», in *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas PaleoHispanicas*; Salamanca, Ediciones Universidad, 1985, 377-395.
- CORREA, José A., «El signário tartesio», in *Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas Paleohispanicas (Veleia 2-3, 1985-1986)*, Vitoria, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, 1987, 275-284.
- CORREA, José A., «Estela en Escritura Tartesia (o del SO.) hallada en Alcoforado (Odemira, Baixo Alentejo)», in *Archivo Español de Arqueologia* 61 nº 157-158, Madrid, C.S.I.C., 1988, 197-200.
- CORREIA, Virgílio Hipólito, «A estação da Idade do Ferro de Porto da Lages (Ourique, Beja)», in *Portugalia* N.S. IX-X, Porto, Instituto de Arqueologia, 1989.
- CORREIA, Virgílio Hipólito, «A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península» in *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Vol. 30, Porto, 1990.
- COSTA, José Miguel da, «O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines)», in *Ethnos*, 5, Lisboa, 1967.
- COSTA, José Miguel da, «O tesouro púnico-tartésico do Gaio, Novos achados», in

*Actas das II Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, 1972; 97 ss.

- CUADRADO, Emeterio, *Precedentes y prototipos de la fíbula anular hispánica*, Madrid, S.H.P.H.U.M., 1963, [Trabajos de Prehistoria VII], 28-36.
- DIAS, M. Manuela Alves, BEIRÃO, Caetano de Mello e COELHO, Luís, «Duas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo-Alentejo: Ourique», in *o Arqueólogo Português*, S. III, 4, 1970, 175-219.
- DIAS, M. Manuela Alves e COELHO, Luís, «Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada - Almodôvar (primeira notícia)», in *o Arqueólogo Português*, S. III, 5, 1971, 181-190.
- DIAS, Maria Manuela Alves e COELHO, Luís, «Objectos arqueológicos de um tumulo de incineração da necrópole proto-histórica da Herdade da Favela Nova (Ourique)» in *Arqueólogo Português*, Série IV, 1, Lisboa, MNAE, 1983; 197 ss.
- FABIÃO, Carlos e GUERRA, Amílcar, «O povoado fortificado de "Mesas do Castelinho", Almodôvar», in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, A.A.P., 1991, 305-320.
- GAMITO, Teresa Júdice, «A introdução da metalurgia do ferro no Sudoeste peninsular (com base nas datações de radio-carbono)», in *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, A.A.P., 1991, 299-304.
- GÓMEZ-MORENO, M., *Misceláneas. Historia, Arte, Arqueología*, Madrid, 1949.
- GOMEZ-MORENO, Manuel, «La escritura Bastulo-turdetana (Primitiva Hispânica)», in *Revista de Archivos, Bibliotecas e Museos*, T. LXIX 2, Madrid, 1961, 879-918.
- GOODY, Jack, *A lógica da escrita e a organização da sociedade*, Lisboa, Ed. 70, 1987 (tradução portuguesa de *The logic of Writing and the Organization of Society*, Cambridge University Press, 1986).
- HOZ, Javier de, «El Origen de la escritura del S.O.», in *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas PaleoHispanicas*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1985, 423-464.
- HOZ, Javier de, «El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional», in AUBET Semmler, Maria Eugénia (dir.), *Tartessos, Arqueologia Protohistórica del Bajo Guadalquivir*, Sabadell, AUSA, 1987, 523-587.
- HOZ, Javier de, «El origen de las antiguas escrituras hispanas y el desarrollo de la escritura del Algarve», in *Presenças orientalizantes em Portugal-Da Pré-história ao Período Romano*, Lisboa, Instituto Oriental, 1990, [Estudos Orientais I], 219-246.
- LASSERRE, François, *Strabon Géographie T.II - Livres III-IX*, Paris, Les Belles Lettres, 1966. [Collection des Universités de France].
- LEROI-GOURHAN, André, *O gesto e a palavra, 2 - Memória e ritmos*, Lisboa, Ed. 70, 1983 (tradução portuguesa de *Le geste et la parole - la mémoire et les rythmes*, Paris, Ed. Albin Michel, 1965).
- MAIA, Manuel, «Algumas reflexões em torno da cultura do Sudoeste», in *Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas Paleohispanicas (Veleia 2-3, 1985-1986)*, Vitoria, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, 1987, 433-446.
- MAIA, Maria Garcia Pereira, «Neves II e o "facies" cultural de Neves-Corvo» in *Arquivo de Beja*, 3-IIªS., 1986, 23-42.
- MAIA, Maria Garcia Pereira, «Dois lamakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal», in *Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas Paleohispanicas (Veleia 2-3, 1985-1986)*, Vitoria, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, 1987, 223-242.
- MAIA, Maria e MAIA, Manuel, *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo*, Lisboa, Somincor, s/d (1987).

- MAIA, Maria Garcia Pereira e CORREA, José A., «Inscripcion en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico», in *Habis* 16, Sevilla, Publicaciones de la Universidad, 1985, 243-274.
- MALUQUER de Motes, Juan, *Epigrafia Prelatina de La Península Ibérica*, Barcelona, Instituto de Arqueologia y Prehistoria, 1968, [Publicaciones Eventuales nº 12].
- MURPHY, J.P., *Rufus Festus Avienus. Ora Maritima*, Chicago, Ares Pub., 1977.
- PAÇO, Afonso do, RIBEIRO, Fernando Nunes e FRANCO, Mário Lyster, «Inscrição ibérica de Corte do Freixo», in *Zephyrus* 16, Salamanca, Universidad, 1968, 99-106.
- RIBEIRO, Fernando Nunes, «Noticiário arqueológico regional», in *Arquivo de Beja* 23-24, Beja, 1966-1967, 382-390.
- ROCHA, António dos Santos, *Estações Pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira* (Reedição Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra 1971)
- RUIZ Delgado, Manuel M<sup>a</sup>, *Fibulas Proto-históricas en el Sur de la Península Ibérica*, Sevilla, Universidad, 1989, [Serie Filosofia y Letras 112].
- SCHMOLL, Ulrich, *Die Südlusitanischen inschriften*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1961.
- SCHUBART, Hermanfrid, *Atalaia, uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo*, Beja, 1965 (separata do *Arquivo de Beja* 22).
- SCHUBART, Hermanfrid, «Acerca de la ceramica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste peninsular», in *Trabajos de Prehistoria* N.S. 28, Madrid, C.S.I.C., 1971, 153-182.
- SCHUBART, Hermanfrid, *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, Berlin, Walter de Gruyter e Co, 1975, [Madriider Forschungen 9].
- SCHULTEN, Adolfo, *Las fuentes de 500 AC hasta César*, Barcelona, Libreria Bosch, 1925 [*Fontes Hispaniae Antiquae* II].
- SCHULTEN, Adolfo, *La Geografía de Estrabón*, Barcelona, Libreria Bosch, 1952 [*Fontes Hispaniae Antiquae* III].
- SCHULTEN, Adolfo, *Avieno, Ora Marítima*, Barcelona, Libreria Bosch, 1955 (2<sup>a</sup>) [*Fontes Hispaniae Antiquae* I].
- SCHÜLE, Wilhelm, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, Berlin, Walter de Gruyter e C<sup>a</sup>, 1969, [Madriider Forschungen 3].
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, «I<sup>a</sup> Idade do Ferro», in ALARCÃO, Jorge de (coord.), *Portugal, das origens à romanização*, Lisboa, Presença, 1990, [SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, (dir.), *Nova História de Portugal* vol. 1].
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da e GOMES, Mário Varela, *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta, s/d (1992).
- SOARES, António Monge e CABRAL, João M. Peixoto, «Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica», in *O Arqueólogo Português*, S. IV vol. II, Lisboa, M.N.A.E., 1984 167-214.
- VASCONCELOS, J. Leite de, «Novas inscrições ibéricas do Sul de Portugal», in *O Archeologo Português* V, Lisboa, Museu Ethnologico Português, 1900, 40-42.
- VASCONCELOS, J. Leite de, «Novas inscrições ibéricas do Sul de Portugal», in *O Archeologo Português* XXVIII, Lisboa, Museu Ethnologico Português, 1929, 205-208.
- VIANA, Abel, FORMOSINHO, José e FERREIRA, Octávio da Veiga, «De lo prerromano a lo arabe en el Museo Regional de Lagos», in *Archivo Español de Arqueologia* XXVI, Madrid, C.S.I.C., 1953, 113-138.
- VIANA, Abel, «Mamoá do Marchicão - Aldeia dos Palheiros (Ourique)», in *XXVI Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências, Secção VII, História e Arqueologia*, Porto, 1962, 279-288.



Fig. 1 — Fernão Vaz.

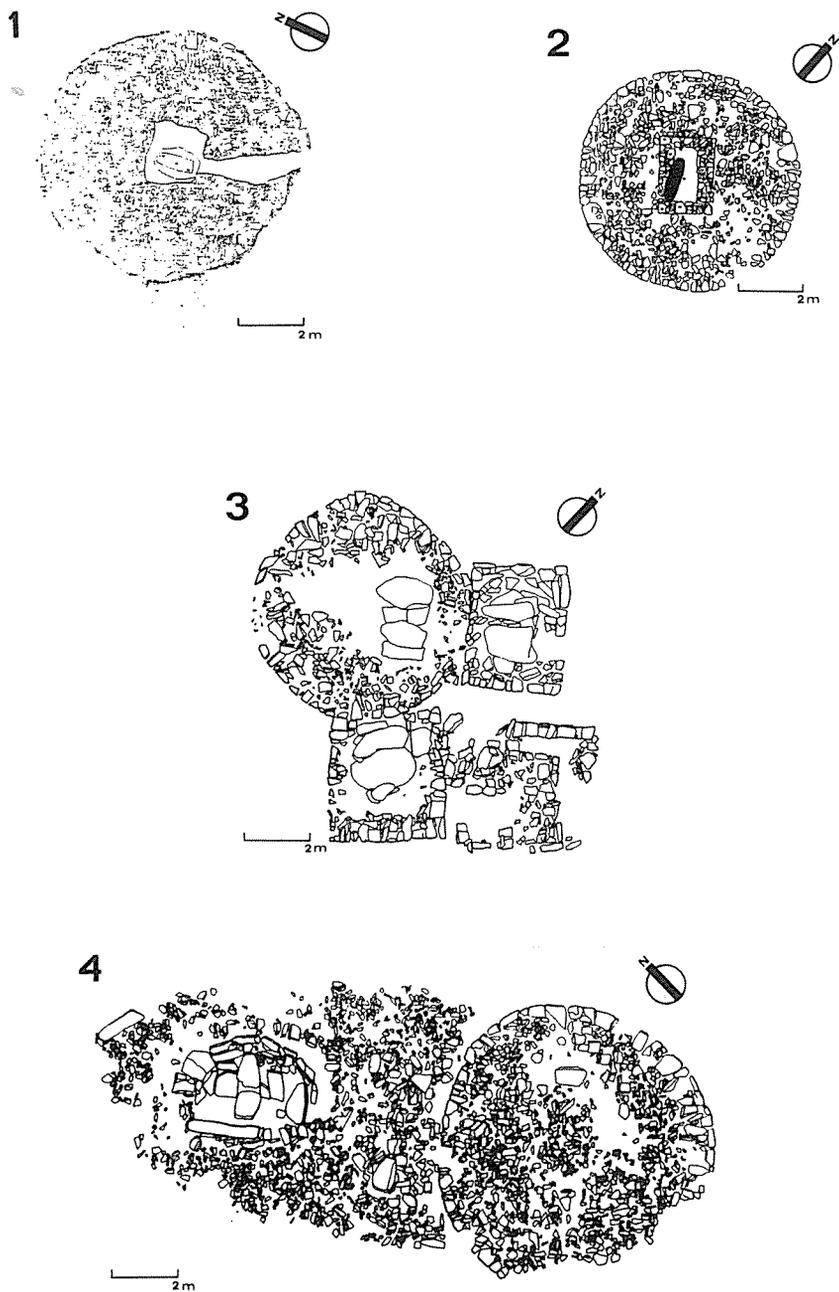


Fig. 2 — 1, Casarão; 2, Pêgo da Sobreira; 3, Chada-sector B; 4, Mourços. (3 segundo BEIRÃO 1986, 4 segundo BEIRÃO *et alii* 1980).

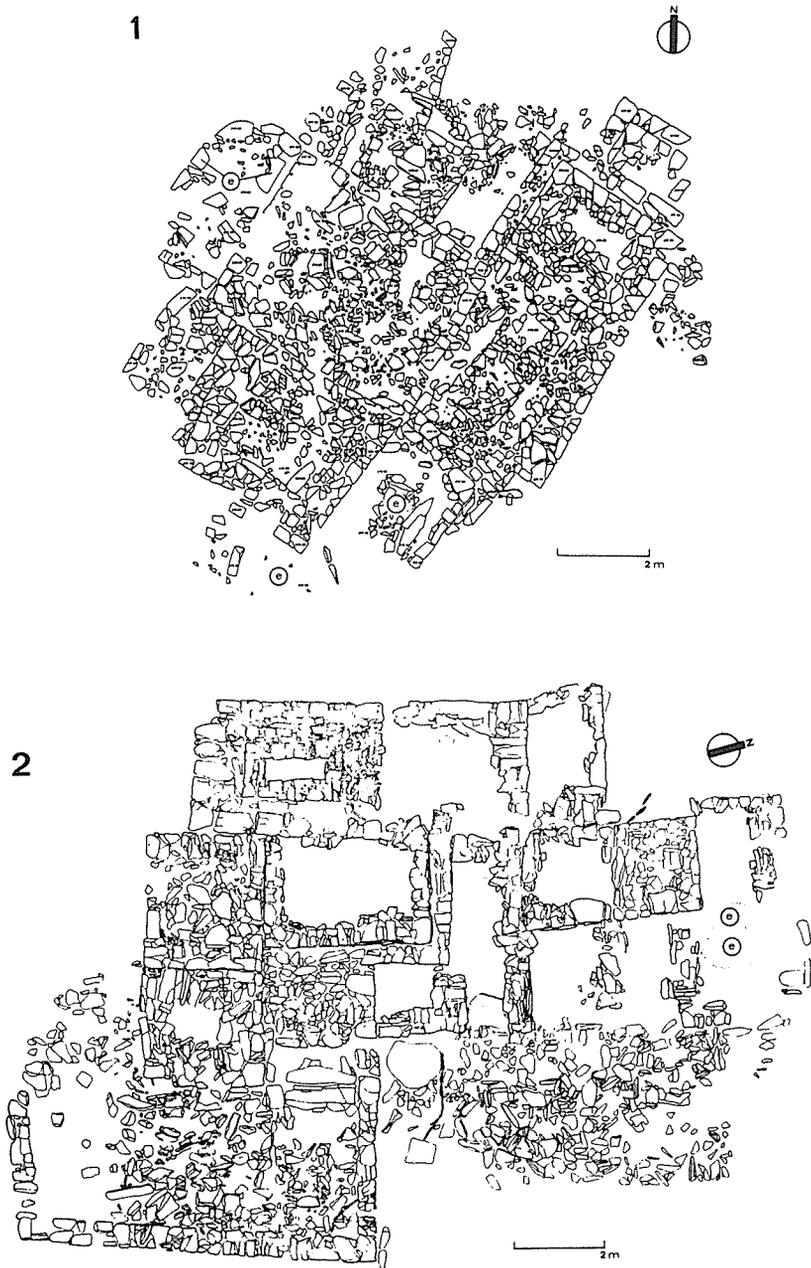


Fig. 3 — 1, Pardieiro; 2, Fonte Santa (1 segundo BEIRÃO 1990, 2 segundo BEIRÃO 1986).

Est. IV

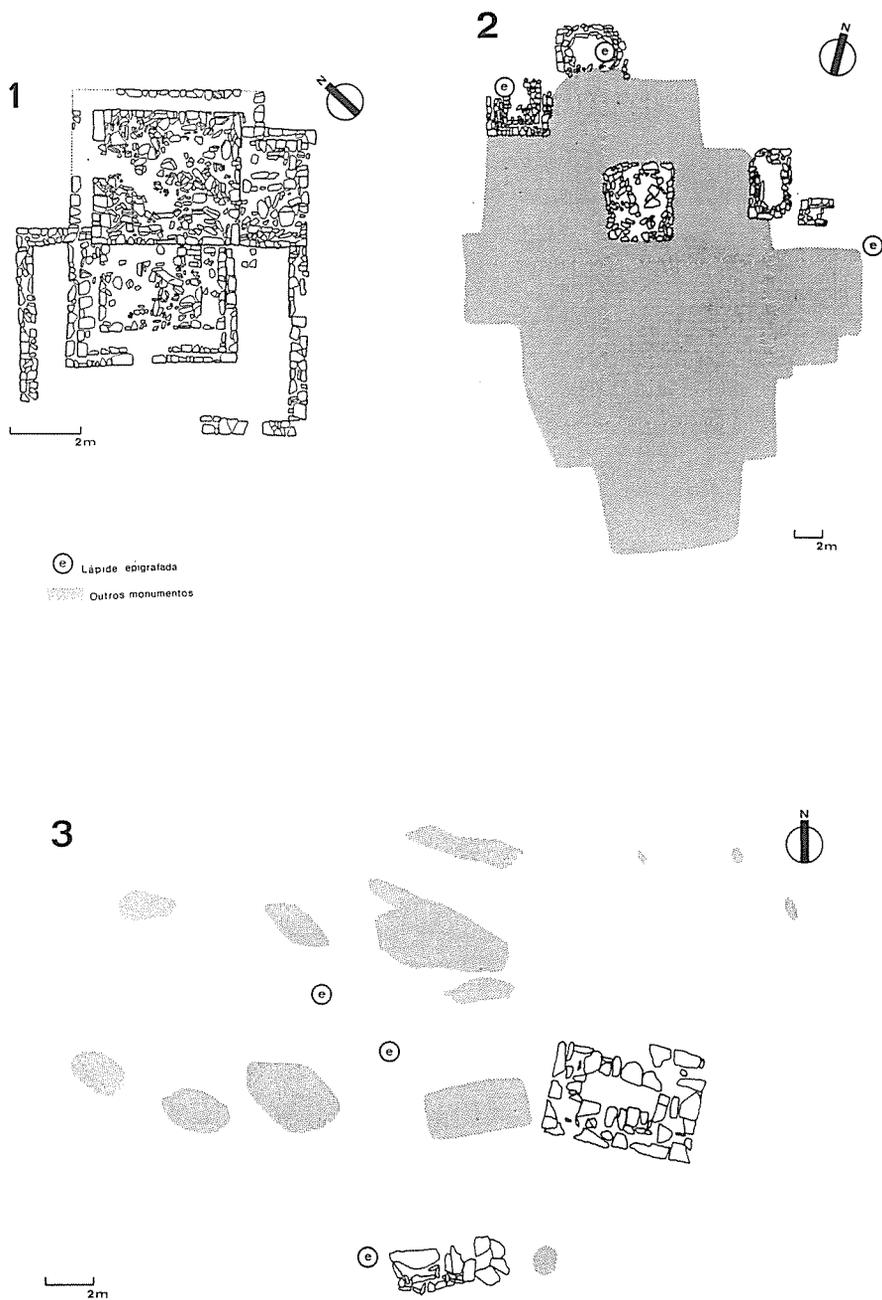


Fig. 4 — 1, Chada-sector A; 2, Pêgo; 3, Mealha Nova. (1 segundo BEIRÃO 1986, 2 e 3 segundo DIAS *et alii* 1970, modificados).

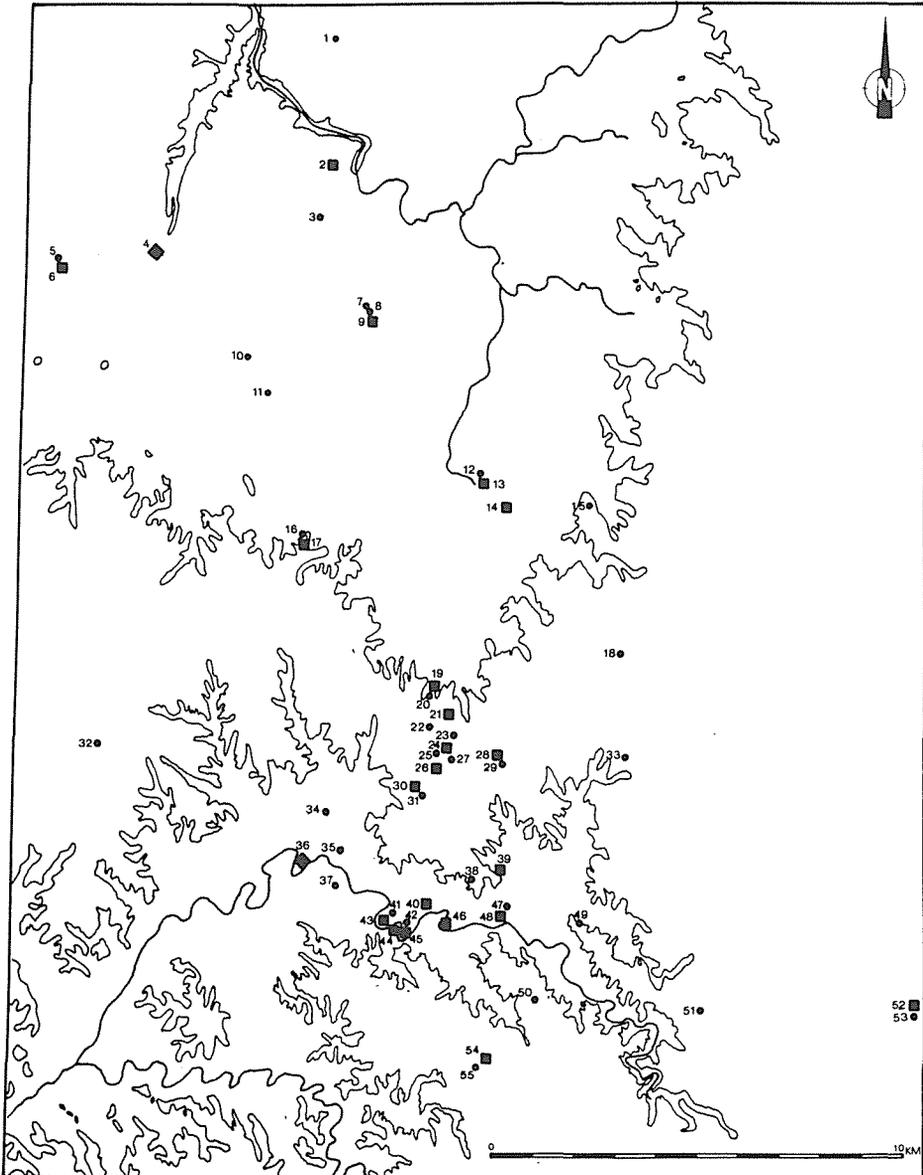


Fig. 5 — Sítios arqueológicos da Idade do Ferro nos vales superiores do Mira e do Sado (quadrados: povoados; círculos: necrópoles; losangos: povoados fortificados). Equidistância das curvas de nível - 100 m.